



Universidade de Brasília

Instituto de Letras – IL

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP

**Concepção de educadores/as sobre a adolescência: reflexões em Análise de
Discurso Crítica**

Alana Lucena Barroso

Orientadora: Profa. Dra. Viviane Ramalho

Trabalho apresentado como requisito parcial
para a conclusão do curso de Graduação em Letras-Português.

Brasília
2011

RESUMO

Este artigo tem por objetivo investigar como educadores/as do ensino médio concebem a adolescência e a formação de grupos nessa faixa etária. O instrumento utilizado foi uma entrevista semiestruturada realizada com nove professores que atuam em escolas localizadas no DF (uma pública e uma privada) e em uma escola pública de Goiás. O tratamento dos dados pautou-se na Análise de Conteúdo com vistas à Análise de Discurso Crítica. O estudo sugere que a maioria dos/as professores/as tem uma concepção ambientalista do desenvolvimento humano. Nessa visão, o sujeito é moldado pelo que vem do ambiente e o adolescente não é visto como um sujeito social ativo e autônomo. Essa visão reverbera sobre as concepções que têm sobre o papel do grupo e do líder nas experiências do adolescente.

Palavras-chave: adolescência, dinâmicas grupais, unificação, fragmentação, reificação.

ABSTRACT

This article has an aim to investigate how the high school's educators know the adolescence and a formation of groups in this age group. It has been an interview semi-structured, with nine teachers which act at schools located in Distrito Federal, Brasília, Brazil (one public and one private) and at Goiás' a public school. Data analysis was based on the content analysis with a view to Critical Discourse Analysis. The study suggests that most of teachers have an environmentalist conception about the human development. In this point of view, the individual receives influence of society where lives and the adolescent aren't seen like a social, active and autonomous subject. This idea can be seen in currents conceptions about the groups' and leader's role in adolescents' experiences.

Key Words: Adolescence, Group Dynamics, Unification, Fragmentation, Reification.

APRESENTAÇÃO

O artigo dá continuidade a uma pesquisa que iniciei em 2009 em um Projeto de Iniciação Científica da UnB – PIBIC – com o trabalho “Concepções dos educadores sobre a adolescência e o fenômeno grupal”, orientado pela professora Dra. Viviane Neves Legnani, em que buscávamos compreender a falta de objetivo de muitos adolescentes que se agrupam nos dias de hoje, ao passo que, em décadas anteriores, os jovens se uniam mais para enfrentar as injustiças sociais, reivindicar seus direitos e tinham força em seus grupos. Denotamos que a falta de referência, tanto política, como religiosa ou familiar tem desmotivado os jovens a buscarem suas identidades.

A primeira parte do artigo discute que essa perda de foco tem relação parcial com a concepção que os educadores têm sobre a adolescência, o que os leva a atuar em sala de aula de forma menos dialógica do que poderiam. Há uma construção histórica desta concepção e que parece ser universalizada. Essa generalização da fase adolescente pode ser analisada com enfoque na Análise do Discurso, o que busquei realizar na segunda parte do artigo, ancorando-me no pressuposto de que a linguagem é prática social e, portanto, retoma questões mais amplas, possibilitando compreender alguns motivos das falhas na educação brasileira, que podem comprometer a autonomia dos/as estudantes na construção do conhecimento.

A metodologia está na terceira parte, seguida da análise dos dados coletados, os quais são provenientes da pesquisa inicial. Não obstante, os dados são examinados de forma mais aprofundada, apoiados na Análise de Discurso Crítica. A última parte expõe as considerações finais propondo um novo olhar e uma nova atitude para com os alunos adolescentes.

1. O problema de pesquisa: concepções da adolescência

Muito se tem escrito sobre educação no Brasil, por ser este um campo aberto de conhecimento e, como tal, em constante reformulação. As articulações da educação com outros pólos de conhecimento estão sempre presentes nessas reformulações, pois a complexidade de fatores que permeia o ato educativo mostra-nos a necessidade dessas constantes articulações. A crise que assola o sistema educacional brasileiro, que se

manifesta nas dificuldades de aprendizagem dos alunos, na má formação dos educadores, assim como no baixo nível de construção de conhecimento nas escolas, também conduz a essas constantes reflexões.

O campo da psicologia da educação tem como uma de suas funções o fornecimento de subsídios teóricos aos educadores que possibilitem uma reflexão sobre suas práticas educativas. De acordo com os pressupostos wallonianos, a relação entre a psicologia e a educação deve se fazer de forma dialética (GALVÃO, 2000). Caberia à psicologia subsidiar teoricamente a educação, mas, ao mesmo tempo, verificar se os subsídios são pertinentes para o aperfeiçoamento da prática educativa e, ainda, manter-se aberta em suas produções teóricas aos novos problemas oriundos da prática pedagógica, eliminando assim a dicotomia entre teoria e prática.

O sistema escolar cristalizou-se em uma visão de mundo que subestima a importância das relações que o aluno travará na escola e o peso que elas terão na subjetividade e na socialização desses sujeitos, ou seja, esse contexto tem uma grande dificuldade em se deixar atravessar por uma concepção dialética que pressupõe uma dinâmica interação do sujeito humano com seu contexto histórico e cultural. Ao contrário, incorpora teorias e metodologias ancoradas em concepções de desenvolvimento humano nas quais o sujeito é concebido como um resultado de um somatório do biológico/psicológico/social em uma perspectiva que implica um *cursus*, no qual ficam pré-estabelecidas as posições finais, e não como um *sujeito* do seu devir (CASTRO, 1996).

Hoje existe um arcabouço teórico-prático, ancorando as premissas educativas, construído basicamente de teorias da psicologia, que muito irão contribuir para uma visão que hipervaloriza os impasses que o indivíduo vivencia em sua escolarização, esvaziando, simultaneamente, a própria finalidade da educação. Finalidade que seria a de produzir efeitos humanizantes para o aprendiz, inserindo-o no mundo da cultura, por meio da fórmula aparentemente simples: “quem sabe ensina, quem não sabe aprende” (LAJONQUIÈRE, 1999).

É importante enfatizar este ponto tendo em vista que o papel do professor tem se esvaziado de sua principal função que é a de mediador do conhecimento. Por mais paradoxal que pareça, a urgência existente no sistema educacional para solucionar os problemas encontrados no âmbito escolar opera no sentido de não trazer para o bojo das discussões a importância dessa função básica da tarefa pedagógica que é ensinar.

Tendo em vista tais questões, depara-se ainda com o fato de que o conhecimento especializado de cada área deixou de ter a devida importância para a educação. Por conseguinte, atualmente, os educadores ficam em uma posição marcada pela opacidade e pelo mal-estar, na qual têm dificuldades para sustentar a função educativa baseada no próprio conhecimento; pois é a psicologia, com seus “saberes científicos” acerca do desenvolvimento humano e da subjetividade do indivíduo que, ilusoriamente, consubstanciaria a didática do ato pedagógico e não mais a lógica interna de cada disciplina. Uma das formas de esse mal-estar manifestar-se é mediante a busca voraz de teorias psicológicas passíveis de serem transformadas em “métodos rápidos e eficazes” para combater os graves problemas educacionais. Há sempre um imediatismo que assola os cursos de formação de professores, o qual se respalda na adoção de uma postura acrítica de que é possível transformar teorias em soluções mágicas (LEGNANI, 1998).

Desse modo, não é raro encontrar instituições educacionais presas a discursos cristalizados perpassadas pelo sentimento de impotência e paralisia frente às problemáticas dos alunos. Escuta-se com frequência a alusão dos educadores às falhas do sistema familiar como uma causa linear das dificuldades dos alunos no empreendimento educativo: - famílias desestruturadas \Rightarrow alunos-problema e, sendo assim, constata-se que nada se pode fazer para reverter o problema.

Considerando a fase da adolescência, são inúmeros os conflitos entre aluno e professor no dia-a-dia escolar. A formação dos grupos de pares, nessa faixa etária, muitas vezes é percebida pelo professor como um entrave para que ele possa exercer sua autoridade pedagógica. Assim, quanto maior a turbulência grupal e seus vários efeitos como a indisciplina, vandalismo, agressividade entre os grupos, recusa da alteridade mediante preconceitos sociais, culturais e étnicos, maior o mal-estar dos educadores que atuam junto a esse segmento. Mal - estar que paralisa o docente e se instaura mediante a concepção de que a tendência grupal seria uma característica dos adolescentes, a qual, entre outras, faz parte desse período de vida, marcado por constantes crises.

Tal prática é decorrente de uma concepção teleológica do desenvolvimento humano e, sob essa ótica, a adolescência é uma fase naturalizada, universal, a-histórica e não construída nas ações compartilhadas de uma determinada cultura. Nesse sentido, caberia ao professor apenas observar os desvios e tentar intervir para adaptar os jovens. Tentativas de adaptação que reforçam a imagem do adolescente como um ser em conflito e imaturo.

Desse modo, investigar as concepções dos professores acerca dos fenômenos grupais dos alunos adolescentes torna-se fundamental para revelar e explicitar vários mecanismos sociais, subjetivos e culturais que perpassam a tríade: professor/ aluno/ conhecimento, no contexto contemporâneo.

2. A análise de Discurso Crítica e teorias sobre o adolescente

As teorias da ciência social crítica (FAIRCLOUGH, 2003; CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999) que buscam apontar possíveis caminhos para superação de problemas sociais relacionados a poder e justiça sugerem que a linguagem seja vista como uma prática social, pois na relação interna e dialética entre linguagem e sociedade as questões sociais são também questões discursivas, e vice versa (RAMALHO & RESENDE, 2011).

Pesquisas em Análise de Discurso Crítica (ADC), como a própria denominação sugere, estão centradas na perspectiva crítica, interessando investigações de discursos que envolvem poder, seguindo a motivação de “investigar criticamente como a desigualdade social é expressa, sinalizada, constituída, legitimada pelo uso do discurso” (WODAK, 2004, p. 225).

Deve haver uma interrelação em ADC entre a análise linguística e a crítica social, pois esta última alimenta a primeira e aquela justifica a última. Com isso, “o propósito das análises em ADC é, portanto, mapear conexões entre escolhas de atores sociais ou grupos, em textos e eventos discursivos específicos, e questões mais amplas, de cunho social, envolvendo poder” (RAMALHO & RESENDE, 2011, p. 21).

Desta forma, o suporte científico da ADC pode estar presente em algo bastante cotidiano, mas que nem sempre é analisado, ou seja, “textos, em qualquer modalidade – orais, sonoros, escritos, visuais – e sob qualquer forma – entrevistas, reportagens, publicidades, narrativas de vida, filmes e assim por diante”, pois este material empírico carrega propriedades sociodiscursivas muito relevantes, provenientes da sociedade (RAMALHO & RESENDE, 2011, p. 21).

Com esse pensamento, é possível avaliar melhor de que forma as concepções dos educadores sobre a fase da adolescência carregam algum tipo de ideologia, e em que isto pode estar influenciando as relações entre professor e aluno a ponto de a

educação não dar autonomia ao aluno tal como preveem os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs):

Hoje, diante dos novos paradigmas educacionais, não se espera que o professor seja o único a falar e o aluno, o único a escutar. É desejável que haja, ao longo das situações de ensino e aprendizagem, um salutar diálogo entre as duas partes, que pode contribuir definitivamente para a qualidade da construção do conhecimento (PCNs, 1998, p. 74-75).

Portanto, o conhecimento deve ser construído em conjunto, partindo do professor e também dos alunos, pois nem um nem outro está com “a verdade”. Em se tratando da fase adolescente, pode-se dizer que há ainda outras relações em voga, entre os próprios adolescentes. E não é difícil imaginar que, dentro de uma mesma faixa etária, o diálogo seja mais afim e, por isso, possa ser aproveitado para ações produtivas na sociedade. Os grupos fazem parte deste período da vida, mas geralmente são interpretados pelo professor como formas de fuga do aluno do estudo sério e comprometido.

Temas bastante recorrentes na formação de professores, ligados à escola, tais como a relação professor-aluno, a violência nas escolas, a relação família-escola, a autoridade pedagógica, as dificuldades de aprendizagem, a diversidade e a inclusão e a escola idealizada estão relacionados ao comportamento do aluno que revela a produção ou não de conhecimento, e como isso está ligado a sua forma de agir em sociedade. Um aspecto relevante na formação do/a professor/a nas licenciaturas é a compreensão do importante papel que tem o professor na sala de aula: fazer o aluno pensar com uma formação crítica, sendo o mediador entre o conhecimento e o aluno. O professor cumpre uma função e não deve recusar o ato educativo. Ao contrário do conflito, está o consenso, que é uma das formas de reforçar o conceito de poder como hegemonia. Se não há troca de conhecimentos, somente universalização de discursos particulares, pode haver hegemonia de um discurso particular projetado como universal (RAMALHO & RESENDE, 2011).

A fase da adolescência é repleta de dúvidas, crises e angústias. Esse é o momento em que mais se precisa de formação, de troca de ideias, enfim, dessa triangulação tão importante que deve existir entre o aluno, o professor - mediador do conhecimento- e o conhecimento. É imprescindível essa percepção por aqueles que decidem seguir a profissão de ensinar. A partir disso e observando a formação de grupos como “um ambiente social significativo ao proporcionar possibilidades de alterações subjetivas em cada um de seus componentes” (FREUD, 1996[1921]), é possível uma

intervenção positiva dos grupos adolescentes na sociedade. Entretanto, é questionável qualquer tipo de manipulação por parte do professor, que force os alunos a serem iguais a ele. O professor apenas deve se colocar como um suporte identificatório para que os alunos se identifiquem com ele, mas não tem controle sobre isso, pois, o adolescente precisa de modelos para, a partir do *ideal do eu*, se colocar em uma uma posição de movimento, de busca no campo social” (FREUD, 1996).

A imposição de qualquer ideia pode estar funcionando como hegemonia, quando se dissemina uma representação particular de mundo como se fosse a única possível e legítima (THOMPSON, 2002). Segundo Thompson (2002), um dos “modos de operação da ideologia é a Fragmentação - o Expurgo do Outro – Segmentação de indivíduos e grupos que possam representar ameaça ao grupo dominante”. Isso ocorre em relação aos grupos de adolescentes, quando são vistos como obstáculo ao poder hegemônico, na medida em que o grupo é julgado somente como reunião para a bagunça e improdução, sendo por isto, por vezes, separados. Os grupos de adolescentes são vistos com um olhar negativo porque podem constituir obstáculos à “ordem” em sala de aula, pois os adolescentes são questionadores, conflituosos e enérgicos. Tal euforia, em vez de notada como confusão poderia ser bastante produtiva em aulas interativas, com questões bem fundamentadas e atuais, por exemplo.

Os educadores muitas vezes se encontram paralisados em sala de aula por não saberem como agir diante de tanto conflito, justificado como um dos sintomas da adolescência. “Sintomas”? Isso mesmo. Dois autores da América Latina, Aberastury e Knobel (1989), com sua obra, tornaram-se referência para profissionais de várias áreas:

Knobel introduziu a noção de “síndrome normal da adolescência”, caracterizada por uma sintomatologia que inclui: “1) busca de si mesmo e da identidade; 2) tendência grupal; 3) necessidade de intelectualizar e fantasiar; 4) crises religiosas, que podem ir desde o ateísmo mais intransigente até o misticismo mais fervoroso; 5) deslocalização temporal, em que o pensamento adquire as características de pensamento primário; 6) evolução sexual manifesta, desde o autoerotismo até a heterossexualidade genital adulta; 7) atitude social reivindicatória com tendências anti ou associativas de diversa intensidade; 8) contradições sucessivas em todas as manifestações da conduta, dominada pela ação, que constitui a forma de expressão conceitual mais típica deste período da vida; 9) uma separação progressiva dos pais; e 10) constantes flutuações de humor e do estado de ânimo” (KNOBEL, 1989, p.29).

Essa concepção, que é corrente, concebe a adolescência como uma etapa natural do desenvolvimento, tendo um caráter universal e abstrato. Uma fase difícil, semi-patológica, sendo naturalizada e carregada de “conflitos naturais”:

A cultura aparece apenas como molde da expressão de uma adolescência natural que, por outro lado, sofre com a pressão exercida pela sociedade atual, a qual impõe a moratória ao adolescente pela dificuldade e demora para ingressar no mundo do trabalho. Nessas construções teóricas, encontramos a visão de que o homem é dotado de uma natureza, dada a ele pela espécie e, conforme cresce, se desenvolve e se relaciona com o meio, atualizando características que já estão lá, pois são de sua natureza (BOCK, 2007).

Thompson (2002) fala de naturalização, outro modo de operação da ideologia, em que criações sociais e históricas são representadas como acontecimentos do mundo natural. Essa visão promove o consenso, mais uma vez. Não haveria “nada que se fazer” para a fase adolescente, naturalmente conflituosa, improdutiva. Restaria apenas esperar que o adolescente chegue à fase adulta. Nos dias de hoje, o adolescente parece se tornar adulto somente quando entra no mercado de trabalho. Mas aqueles que ficam na moratória por não terem oportunidades, devido à falta de qualificação, causam problemas sociais. Entretanto, é importante ressaltar que problemas sociais podem ser parcialmente sustentados/superados pelo discurso (RAMALHO & RESENDE, 2011, p. 30), o que buscamos problematizar neste trabalho.

3. Metodologia / Constituição do *corpus*

A coleta de dados da pesquisa se realizou em uma pesquisa inicial no Projeto de Iniciação Científica da UnB – PIBIC, em 2009, com o trabalho “Concepções dos educadores sobre a adolescência e o fenômeno grupal”, orientado pela professora Dra. Viviane Neves Legnani. Há dois anos foram estudados conceitos da psicanálise, da linha freudiana, walloniana e lacaniana voltados para a psicologia da educação.

Nos procedimentos para a coleta de dados, fez-se, inicialmente, contato com três escolas de Ensino Médio para explicitar os objetivos deste projeto, que estavam relacionados a compreender as concepções dos educadores sobre alguns pontos. A pesquisa foi realizada em duas escolas localizadas no Distrito Federal (uma pública e uma privada) e em uma escola pública localizada em Goiás.

O instrumento utilizado foi uma entrevista semiestruturada (*cf.* Anexo) realizada com nove professores que ministram diferentes disciplinas. Os dados foram gravados e transcritos. O tratamento dos dados pautou-se na Análise de Conteúdo, com as teorias da análise do discurso, ancorando-se em Chouliaraki (1999), Fairclough (1989, 1995, 2001, 2003), Ramalho & Resende (2011), Voese (2004), Thompson (2002) e Wodak (2004).

4. Análise de dados segundo a ADC

A questão inicial que foi colocada pelos professores nesta investigação é uma réplica do instrumento utilizado por Rego (1995, 1996) sobre a origem da singularidade humana. Para a autora, a isenção do sistema escolar em relação às diversas problemáticas que os alunos atravessam em sua escolarização baseia-se em concepções acerca de como é constituída a singularidade dos sujeitos, ou seja, em concepções dos professores sobre o desenvolvimento humano.

Segundo dados de pesquisa da autora, os professores, quando indagados sobre a origem da singularidade do sujeito humano, baseiam-se em concepções inatistas e ambientalistas para discorrer sobre tal questão. Na primeira concepção, o enfoque da análise recai sobre pressupostos genéticos e hereditários, como também em preceitos religiosos, para uma possível explicação das diferenças individuais. Já na segunda concepção, a ênfase recai sobre o ambiente familiar e econômico, no qual a criança vive. Em ambas as visões o sujeito é visto como passivo, ora determinado pelo biológico, ora determinado pelo ambiente em que nasceu.

A autora prossegue sua análise apontando que o efeito dessas concepções cristaliza e estratifica as relações dos professores com os alunos, pois acabam por autorizar uma postura por parte dos professores que não concebe possibilidades de mudanças. Rego (1995, 1996) conclui enfatizando que o sistema escolar se exclui de uma avaliação por não ser atravessado por uma concepção dialética sobre o sujeito humano. Dessa forma, ele subestima a importância das relações que o aluno travará na escola e o peso que elas terão no desenvolvimento cognitivo e social dos alunos, o que também é verificável em nossos dados.

Na nossa investigação, pode-se perceber também a ausência de um raciocínio dialético dos professores para analisar tal questão. Para alguns dos entrevistados, os sujeitos recebem influências, ou seja, são moldados pelo ambiente e neste eles não interferem. Desse modo, percebem os sujeitos como desprovidos de possibilidades de serem autores de suas vidas e propulsores de mudanças em si mesmos e no contexto cultural e social em que vivem. Ou seja, a relação pessoa/mundo não é dinâmica, mas, sim, engessada dentro de uma lógica em que a cultura supostamente não receberia interferências de cada um dos seus integrantes, como ilustra o Exemplo 1:

[1] “A origem desta singularidade *vem do nascimento, da região onde você mora, a criação que você teve, o pai, ou seja, a origem, na verdade, vem da família*”.

A maioria dos entrevistados tenta ultrapassar a dicotomia biológico *vs.* ambiente e apontam importância de ambos os fatores como se houvesse uma adição de causas para o surgimento da singularidade humana, contudo, essa somatória não leva em consideração a forma como tais fatores se combinam e se articulam:

[2] “*Existe a questão genética e a influência do meio. Questão genética é aquilo que está no nosso gene, você adquiriu do pai, do avô, no nascimento. E há também a influência do meio, da sociedade, das pessoas à minha volta também influenciam e podem fazer diferença ou pro bem ou pro mal, assim como a genética também*”.

[3] “*(...) nós temos o genótipo, que é passado de geração em geração. Já o fenótipo tem relação com o ambiente onde você cresce, o tipo de cultura que você recebe, que faz de cada um uma pessoa única.*”

Nos exemplos de 1 a 3, notamos a presença significativa de itens lexicais da ordem de discurso da biologia, conforme destaques. O contraste entre natureza *x* cultura constrói uma representação em que a ‘natureza’ parece ser mais relevante para a constituição do sujeito social do que propriamente sua vivência cultural.

A visão sociointeracionista que percebe o sujeito como dialógico e alteritário, que irá constituir sua subjetividade no âmago da relação com o outro, dentro de um constante movimento relacional em que influencia e é ao mesmo tempo influenciado

pelo outro, não aparece no discurso dos professores. Tal concepção está, normalmente, presente nos cursos de formação de professores, mas para que ela seja efetivamente apreendida e transposta para a prática nas escolas é preciso um ancoramento na dialética que, muitas vezes, é de difícil compreensão.

A lógica de que o sujeito é passivo também aparece no discurso dos professores quando indagados sobre a formação grupal dos adolescentes. Vários/as colaboradores/as apontam que o grupo pode influenciar os caminhos que o jovem irá tomar. Se for um grupo positivo influencia para o caminho correto, caso contrário, conduz para o rumo negativo. Nessa concepção, os jovens seriam moldáveis pelo efeito do grupo, como apontamos nos exemplos seguintes:

[4] “A amizade é importante, ninguém deve viver isolado, *mas a dificuldade do jovem hoje é distinguir a amizade das influências que ele recebe desse amigo*”.

[5] “Tem liderança que é positiva, alguns até conseguem puxar o grupo para o lado de coisas mais sólidas, coisas que vão conduzir ao bem, *mas, infelizmente, há uns que não são bem firmados, não têm uma boa formação em casa e acabam sendo conduzidos pra outros caminhos, pra outro lado*. Tanto o grupo considerado bom como o do outro lado possui uma liderança e acabam conduzindo os outros para o seu lado”.

[6] “O grupo é fundamental. O grupo em que você cresce vai influenciar bastante no futuro que você vai ter. Sem dúvida nenhuma, *se você crescer num grupo que tem o objetivo de vencer na vida, com certeza, você vai vencer também*”.

Nos exemplos de 4 a 6, as relações semânticas entre períodos e orações predominantemente de adversidade e de condição apontam para a elaboração de representações, por parte dos professores, que situam os “grupos” tanto como um problema como um fator determinante para a formação do sujeito adolescente.

Ao discorrerem sobre o papel do líder no grupo de amigos durante a adolescência, o mesmo raciocínio é feito pela maioria dos/as colaboradores/as. Para eles, o líder teria algum traço individual que o colocaria em tal posição e os demais integrantes do grupo seriam conduzidos “passivamente” por essa liderança.

Como já destacado anteriormente, a concepção sociointeracionista parte da premissa de que haveria uma troca dinâmica e bidirecional do sujeito com seu campo social. Os resultados encontrados nas entrevistas demonstram que essa visão mais uma vez não compareceu. A ótica é a de que grupos de referência servem à modelagem do comportamento social e se constituem como fatores de risco ou de proteção para as condutas dos adolescentes. Pode-se afirmar, a partir das respostas obtidas, que a maioria dos professores entrevistados demonstraram preocupações com as dinâmicas grupais para que elas assegurem um estilo de vida correto e saudável para os jovens e não veem o adolescente como um sujeito ativo e autônomo que também interfere em seu contexto grupal e que poderia vir a questionar os rumos contraproducentes que uma determinada liderança o induziria, como é possível verificar nos exemplos:

[7] *“O líder se destaca justamente porque o grupo sempre vai precisar de uma pessoa para orientá-los, por serem adolescentes, eles precisam de uma pessoa que diga “vamos fazer isso, vamos fazer aquilo””*.

Quando indagados sobre o que seria a adolescência, os professores, em sua maioria, destacam que é uma fase marcada por conflitos, insegurança, turbulências, etc. Partem, portanto, do princípio muito apregoado por algumas teorias psicológicas do século XX, as quais destacam que as várias características descritas para a etapa da adolescência, dentre elas a da tendência de estarem em grupo, seriam decorrentes de um processo contínuo e naturalizado do desenvolvimento humano. O trabalho de Knobel (1989) é emblemático para exemplificar esses postulados. Para o referido autor, haveria, inclusive, uma síndrome *normal* da adolescência que inclui: a busca da identidade; a tendência grupal; tendências anti ou associadas advindas de uma postura reivindicatória; domínio da ação como forma de expressão, diferenciação dos pais; instabilidade de humor, entre outras características:

[8] *“Os adolescentes tentam se reafirmar o tempo todo, testam e medem força com os professores diariamente. Qualquer coisa que a gente fale abala a autoestima. Então é um período frágil, eles são muito frágeis. Ao mesmo tempo que são agressivos, querem se impor, eles são extremamente frágeis. É uma fase da vida que você tem que ter muito cuidado, com o que dizer, como tratar”*.

[9] “(...) *é uma fase muito complicada*. Isso se percebe na minha área, que trabalha com a área motora, em que se percebe que alguns se atrapalham por causa do crescimento físico e junto a isso também há o psicológico, em que tudo ainda é indefinido. *Eles estão se descobrindo sexualmente, como seres na sociedade, nos seus grupos. É uma fase dolorosa*”.

Os exemplos 8 e 9 ilustram a concepção da adolescência como uma “fase” indesejável, que vai passar, haja vista avaliações como “frágil”, “complicada”, “indefinido”, “dolorosa”.

A concepção sócio-histórica se diferencia da visão teórica anterior por conceber a adolescência como resultante de uma construção social e histórica feita em torno dessa etapa de vida, a qual, em nosso contexto contemporâneo, é marcada essencialmente por ser um tempo de moratória, de preparação para o mercado de trabalho (BOCK, 2007).

As diferenças nessas concepções geram práticas educativas diferenciadas. Na primeira não se intervém tomando o aluno adolescente como um parceiro social ativo. Assim espera-se que o sujeito supere as crises típicas desse tempo, cabendo ao professor adotar uma postura de complacência em relação aos alunos. Na segunda concepção, parte-se do princípio de que a noção de adolescência pode vir a ser reconstruída ao se modificarem as demandas dos contextos cultural e social que os jovens estão inseridos, sendo que a escola teria um papel relevante para pensar e refletir sobre essas demandas, inclusive convocando os próprios adolescentes para também fazerem essas reflexões.

Quando indagados sobre o papel do professor diante do grupo de adolescentes que se formam nas escolas, as respostas foram diferenciadas. Aparece a preocupação de duas professoras em coibir os subgrupos e intervir visando à tolerância das diferenças entre os grupos:

[10] “*Eu tento misturá-los*. Eu acho que o meu grande desafio é fazê-los conversar uns com os outros, trocar ideias”.

A questão de estar mais próximo dos adolescentes e acompanhá-los comparece na visão de dois professores, a exemplo da seguinte fala:

[11] “*Se ele se preocupar apenas com o conteúdo científico, e não olhar para o ser, os adolescentes acabam se perdendo.* Porque muitas vezes os alunos chegam nas escolas totalmente desorientados, por causa das dificuldades que eles encontram em suas famílias, porque os pais acham que a escola é um reformatório, que a igreja é um reformatório, e não assumem o seu verdadeiro papel”.

Ser um modelo para que os alunos possam se identificar, contudo, sem impor verdades ou caminhos a seguir seria o papel do professor para cinco colaboradores/as, como ilustramos a seguir:

[12] “*O papel do professor é um papel fundamental para fazer com que esses grupos levem melhorias na qualidade de vida deles, reduzam aquilo que é ruim; então, é um papel de intermediador, ensinando a seguirem o que é bom e a não seguirem o que é ruim, lembrando-se que o que é bom pra mim pode não ser para o outro e vice-versa*”.

[13] “*Desde que ele não interfira com imposição. Ele pode ser um líder, mas um líder que vai ajudar a pessoa a construir a personalidade e não interferir neste processo*”.

Por fim, apenas um professor pensa que o papel a ser exercido junto aos alunos adolescentes é o de mediador de conhecimentos:

[14] “*O papel do professor é dar aula. O pior problema hoje é um pensamento progressista da pedagogia que acredita que há outros papéis do professor. Eu ainda continuo acreditando que o professor é aquele indivíduo que, por uma experiência em determinado campo da ciência da humanidade, é convidado profissionalmente a transmitir e a dialogar este conhecimento. Ele pode uma hora ou outra receber conhecimento também, sendo conhecimento multivalente dos alunos. O papel do professor é passar o conteúdo para o aluno. Quando possível, ele pode alertar para um ou outro problema social, coletivo, institucional, pessoal, desde que ele passe isso de forma dialética, não de forma moralista*”.

Ainda assim, com esta resposta, o professor avalia que o aluno não teria “nada em si”, ele é que precisaria “colocar o “conteúdo”, o que também é um problema,

acabando por não ser uma mediação e, sim, um complemento para um “copo vazio”, que seria o aluno. Mediação seria outra coisa, seria um diálogo, de fato, com os alunos, que têm uma vivência de mundo, um conhecimento e, que com o professor, poderá ser ainda mais aprofundado.

Considerações finais

O conceito de *adolescência*, período situado entre a infância e a idade adulta, tem origem recente na sociedade. É um termo construído historicamente, que adquire diversas conotações dependendo da época em que está inserido. Como já se afirmou, o espaço que se cria nos grupos de adolescentes no contexto contemporâneo é um campo de produção de significações extremamente importante para esse segmento, pois o grupo de pares opera um *empoderamento*, de modo que os sujeitos conquistem novos espaços sociais.

A partir da nossa investigação pode-se perceber que os professores, de forma geral, não conseguem apostar no campo da *fratria*, por temerem o efeito dos grupos na vida dos adolescentes, por entenderem que tais sujeitos são influenciáveis. Não se concebem, portanto, que o próprio trabalho e o instrumento utilizados pelo professor, que é o conhecimento, são intervenções ativas que podem interferir na constituição social, cultural e subjetiva de cada aluno. Em outras palavras, não se concebe que o que ocorre nessa faixa etária é fruto da teia que se forma nas relações sociais, dos valores presentes na cultura, portanto, responsabilidade de todos (BOCK, 2007).

A falta de desvelamento de certas ideologias presentes no modo tradicional de ensino tem sido favorável a pouca aceitação dos grupos de adolescentes por parte dos professores. Ao passo que a ação de separar os grupos é tomada como a forma mais adequada de se concretizar uma aula produtiva, sem interrupções de alunos adolescentes conflituosos, sustenta-se a desigualdade entre a fala importante do professor em decorrência da bagunça grupal dos alunos. Não se percebe uma possível contribuição dos alunos e a força positiva e ativa que pode ter um grupo de adolescentes que pensa, que fala e debate em uma aula sociointerativa. Ao contrário disso, há uma relutância em segmentar os grupos que insistem em “ameaçar” a “autoridade” do professor (THOMPSON, 2002).

Apostar nos grupos implica levar em conta os recursos simbólicos dos adolescentes envolvidos no grupo, implica também potencializar o diálogo crítico entre seus integrantes e enfatizar as noções de alteridade e singularidade. Enxergá-los como uniformes implica ignorar suas idiossincrasias, correndo o perigo de tratar os membros dos grupos de adolescentes como um todo igual, homogêneo, com os quais, portanto, não se discute, por fazerem parte de uma fase com “sintomas” próprios. Assim se opera a padronização, um dos modos de operação da ideologia, em que há um referencial padrão partilhado. (THOMPSON, 2002). Contra esta visão uniforme, é preciso problematizar que a função do professor não é a de dirigir os alunos para certas escolhas, mas, mediante uma problematização e o manejo do que para eles se coloca como ideal ou meta a ser atingida no presente ou no futuro, fornecer-lhes elementos para que reflitam sobre suas concepções, buscas e ações no mundo.

Nessa perspectiva, a fala aguda do professor sobre a pedagogia progressista, a qual, em sua concepção, esvaziou o papel do educador no contexto contemporâneo é provida de sentido, pois é exatamente do lugar de mediador do conhecimento que ele pode fazer um manejo indireto nos grupos ao aumentar a autonomia dos alunos mediante um aporte em recursos simbólicos significativos. Tal posição, adquirida no sistema escolar, seria relevante para que os jovens não se deixem meramente influenciar nem pelo líder, tampouco pelos demais integrantes de qualquer grupo que possam se inserir.

O primeiro passo a um educador-mediador do conhecimento - proposta das teorias estudadas nas licenciaturas em geral - é reconhecer que o discurso naturalizador e reificador que costumam conceber a respeito de seus alunos adolescentes existe, na medida em que os professores tratam aspectos sociais da formação do adolescente como se fossem somente ‘naturais’ ou ‘biológicos’, ou seja, ‘sem solução por ser algo problemático por natureza’. Tomando consciência disso, as práticas pedagógicas poderiam valorizar o dialogismo e a mediação discursiva, na qual o indivíduo pode apropriar-se dos controles e dos rituais culturais, não se conformar com a sua relação com o mundo e decidir romper (VOESE, 2004), inclusive na fase adolescente, não precisando esperar chegar à fase adulta para ser visto como um ser crítico e que tem autonomia na sociedade.

Referências Bibliográficas

- BOCK, Ana Mercês Bahia. *A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. Psicol. Esc. Educ. (Impr.)*, Campinas, v. 11, n. 1, jun. 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/pee/v11n1/v11n1a07.pdf>. Acesso em 05 ago. 2011.
- CASTRO, L. R. DE O lugar da infância na modernidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. Vol. 9, 2, 307-335, 1996.
- CHOULIARAKI, Lilie & FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse in late modernity: rethinking Critical Discourse Analysis*. Edinbourg university, 1999.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London; New York: Routledge. 2003.
- FREUD, S. *Psicologia de grupo e a análise do ego*. In: Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, vol. XVIII, 1921/1996.
- GALVÃO, Izabel. Henri Wallon: *uma concepção dialética do desenvolvimento infantil*. 7ª.ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2000.(Educação e conhecimento). 134 p.
- KNOBEL, M A Síndrome da adolescência normal em A.Aberastury & M. Knobel *Adolescência Normal*. Porto Alegre: Artes Médicas,1989.
- LAJONQUIÈRE, L. DE, *Infância e ilusão (psico)pedagógica*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- LEGNANI, V. N. *A relação professor-aluno e a mediação do conhecimento: do imaginário ao simbólico*. Dissertação de mestrado em psicologia. UnB, 1998.
- PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS DE ENSINO MÉDIO/PCN+. Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEB, 1998.
- RAMALHO, Viviane & RESENDE, Viviane de Melo. *Análise de discurso (para a crítica): o texto como material de pesquisa*. Campinas: Pontes, 2011.
- REGO, T.C.R. A origem da singularidade humana na visão dos educadores. *Cadernos CEDES* (35), 65-77, 1995.
- REGO, T.C.R. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana. In: AQUINO, J. G. (Org.). *A indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1996.
- THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Trad. (Coord.) Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002.
- VOESE, Ingo. *Análise do Discurso e o ensino de Língua Portuguesa*. São Paulo: Cortez, 2004.
- WODAK, Ruth. Do que trata a ACD – um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. *Linguagem em (Dis) curso*. CALDAS-COULTHARD, C. R. & Figueiredo, D. de C. (Orgs.). *Análise Crítica do Discurso*, v. 4, n. especial, 2004, p. 223-243.

Anexo

Anexo 1

Instrumento de pesquisa

Idade:

Anos de magistério:

Sexo:

Graduado em quê e onde?

- 1) Qual a origem da singularidade humana?
- 2) Conceitue a fase da adolescência.
- 3) Analise o papel do grupo de amigos durante a adolescência.
- 4) Considerando os grupos que se formam na adolescência, como se instauram as lideranças?
- 5) Em sua concepção, qual o papel dos professores diante dos grupos de adolescentes que se formam nas escolas?
- 6) Em sua opinião, o professor deve ser um modelo (um líder) para o grupo de alunos adolescentes?
- 7) Qual o papel do professor diante do bullying que ocorre entre os adolescentes?

Anexo 2

A origem da singularidade humana

A origem desta singularidade vem do nascimento, da região onde você mora, a criação que você teve, o pai, ou seja, a origem, na verdade, vem da família.	Vou explicar pela biologia. Eu acho que nós temos o genótipo, que é passado de geração em geração. Já o fenótipo tem relação com o ambiente onde você cresce, o tipo de cultura que você recebe, que faz de cada um uma pessoa única.	Essa singularidade tem a ver com o contexto social. Até dentro do ambiente familiar, vão se estabelecendo as diferenças através do que eles acham que vão sendo conceituados como amor, como outras questões. Então, neste caso, o contexto familiar começa a determinar estas diferenças.	Origem pede o percurso histórico para que se chegue até o conceito, é dizer que o ser humano busca o sentido da sua subjetividade, sua autonomia como sujeito, para saber exatamente quem ele é. Isso às vezes provoca alguns desentendimentos sociais, políticos, dentre outros. Eu nem sei se alguém consegue chegar a saber qual a sua singularidade por total.	A origem da singularidade humana é uma coisa muito mais complicada do que parece, você pode tanto trabalhar no aspecto religioso, na questão de que no caso viria da divindade ou então na questão pessoal, que nenhum ser humano é igual ao outro.
ambientalista	somatório bio e ambiente	ambientalista	-	inatismo
Professor de química	Professor de biologia	Professor de matemática	Professor de português	Professor de história

<p>É a capacidade de resolver os problemas, a criatividade que cada um tem para se safar das coisas de formas diferentes. Isso é que diferencia as pessoas umas das outras.</p>	<p>A singularidade está relacionada com a questão cultural, da sociedade, familiar. Acho que é um conjunto de origens, digamos assim, o meio em que os alunos estão inseridos.</p>	<p>Eu entendo que cada ser é único, cada indivíduo é único com suas particularidades, não dá pra gente tratar uma única turma de uma única maneira. Cada aluno é um, cada pessoa é um ser diferente. Por isso que às vezes nos grupos nós temos diferentes conflitos, porque cada um traz a sua necessidade.</p>	<p>Existe a questão genética e a influência do meio. Questão genética é aquilo que está no nosso gene, você adquiriu do pai, do avô, no nascimento. E há também a influência do meio, da sociedade, das pessoas à minha volta também influenciam e podem fazer diferença ou pro bem ou pro mal, assim como a genética também. Às vezes é a genética de um pai, de um avô, de uma avó que não tinham uma personalidade tão boa, tão correta, tão tranquila, e a gente adquire isso.</p>
-	Ambientalista	-	Somatório
Professora de matemática	Professora de educação física	Professora de literatura	Professor de português

A fase da adolescência

<p>A fase da adolescência pra mim é uma transição da criança para o adulto. Então é essa fase, que eu não sei a idade, está entre 12 a 18 anos, por aí.</p>	<p>É uma fase de descoberta, de aprendizado, de amadurecimento. É uma fase muito difícil, principalmente por eles estarem descobrindo a vida, eles acharem que são os donos da verdade. Antigamente, os adolescentes não questionavam tanto as coisas, se era de um jeito, era assim e pronto. Hoje, é diferente, eles questionam tudo.</p>	<p>É uma fase de transformação. Eles estão se descobrindo ainda, então, é essa fase de querer tudo e abraçar tudo de uma forma só. É difícil por ter coisas novas a se descobrir, novas disciplinas na escola, novas coisas para aceitar, pessoas diferentes, entre outras.</p>	<p>É um período que pode começar mais cedo, nove ou dez anos de idade, ou mais tarde, dependendo da pessoa e vai até uns vinte anos de idade. É um período em que, de acordo com a biologia, a psicologia, a pessoa está descobrindo os elementos, como o próprio crescimento corporal e, ao mesmo tempo, ela está começando a assumir ideias próprias, essas ideias estão confusas, embaralhadas, os sentimentos ficam aflorados, por conta dos hormônios, do metabolismo. Então é uma fase realmente complicada, para o psicólogo ou para o pedagogo vai ser sempre uma área complicada.</p>	<p>Bom, a adolescência é algo muito moderno, ela é criada praticamente na revolução, antes disso um menino ou uma menina completavam 13 ou 14 anos, já passavam por rituais e se tornavam adultos. Até o século XVII as meninas que completavam a primeira menstruação já se casavam, então não existia essa categorização de adolescente. Hoje a adolescência começaria com 14 anos de idade e se estenderia até mais ou menos 24 anos de acordo com a ONU/UNICEF. Então você tem a questão do adolescente, e o jovem adulto ainda é na verdade um adolescente. Hoje por exemplo existem pessoas de 22 anos que se consideram ainda adolescentes e também jovens de 16 ou 17 anos que já não são adolescentes, e apenas pela idade é considerado como tal. Sendo que é na verdade uma questão de estar ou não maduro em suas atitudes e comportamentos.</p>
Fase de transição	Fase de descoberta e questionamento	Fase de descoberta e conflitos	Fase de conflitos	Fase construída historicamente
Professor de química	Professor de biologia	Professor de matemática	Professor de português	Professor de história

<p>Os adolescentes tentam se reafirmar o tempo todo, testam os professores diariamente, então, assim, diariamente medem forças. Qualquer coisa que a gente fale abala a autoestima. Então é um período assim frágil, eles são muito frágeis. Ao mesmo tempo que são agressivos, querem se impor, eles são extremamente frágeis. É uma fase da vida que você tem que ter muito cuidado, com o que dizer, como tratar.</p>	<p>É uma fase muito inconstante, de dúvidas, de incertezas, porque eles não têm muito definido..., tem uma característica forte neles que é a questão da rebeldia, de querer contestar, de querer mudar. Então eles não são nem ainda crianças, mas também não são maduros o suficiente pra tomar algumas atitudes. Então eu acho que é uma fase muito complicada. Isso se percebe na minha área, que trabalha com a área motora, em que se percebe que alguns se</p>	<p>Uma fase de turbulência, de mudança, de formação e de grandes conflitos.</p>	<p>Difícil. Muito difícil. É uma fase de transformação, de mudança. É quando o adolescente ainda não é adulto, mas muitas vezes se considera adulto, querendo tomar atitudes de adulto, mas não tem condições ainda de tomar decisões, direções na sua vida com uma consciência madura.</p>
--	---	---	---

	atrapalham, por causa do crescimento físico, e junto a isso também há o psicológico, em que tudo ainda é indefinido, eles estão se descobrindo sexualmente, como seres na sociedade, nos seus grupos. É uma fase dolorosa.		
Fragilidade	Fase dolorosa e de indefinição	Fase de turbulência	Fase de dificuldade e de transição
Professora de matemática	Professora de educação física	Professora de literatura	Professor de português

O grupo de amigos durante a adolescência

Tem uns que se chamam tribos...então, esses amigos estarão sempre presentes com eles, nessa convivência deles. Isso vai...essa análise que eu faço desse papel, ela está de acordo com a cultura deles, de cada um, a diversidade. Ou seja, eles se familiarizam de acordo com aquelas pessoas que estão mais próximas, ou seja, que simpatizam com os mesmos hábitos, esportes; isso tudo aí atrai esses grupos. O grupo é bom, porque, por exemplo, se um indivíduo gosta de futebol, torcidas, do Flamengo, do Corinthians, Cruzeiro, então, esses adolescentes formam esses grupos.	O grupo é fundamental. O grupo em que você cresce vai influenciar bastante no futuro que você vai ter. Sem dúvida nenhuma, se você crescer num grupo que tem o objetivo de vencer na vida com certeza você vai vencer também.	É importante porque através desses amigos é que eles vão aprender a conceituar o que que é ético, o que meu amigo pode ou não fazer para me ajudar.	O melhor termo para explicar isso é “influência”. Como é uma fase em que o ser humano está em formação, descobrindo exatamente o que ele é e não é, então ele vai acabar admitindo influências e um interferindo no papel do outro.	O grupo de amigos é muito importante, infelizmente ele tem um aspecto positivo, no qual ele ajuda em vários sentidos, do mesmo que jeito que ele vai ter um grande aspecto negativo, no sentido em que ele atrapalha. O grupo que você está não quer que você se desenvolva, ele não vai permitir que você cresça todo seu potencial. E no grupo de adolescentes, a opinião do grupo é muito forte, para vários adolescentes a opinião de seu grupo vale muito mais do que a de sua família ou de seus professores, inclusive.
União por traços identificatórios	O grupo influencia	Aprendizado e suporte	O grupo influencia	O grupo influencia
Professor de química	Professor de biologia	Professor de matemática	Professor de português	Professor de história

Tem um exemplo recente na minha sala dessas tribos. No momento, eu só consigo ver por esse exemplo um exemplo negativo; porque tem gêneros, aqui tem muitos gêneros, então, eu tenho minicursos que acontecem em turno contrário que tem dez alunos de diferentes turmas. Dentre esses 10 alunos, há três alunas que são lésbicas, e elas são, assim, muito maduras, fácil de lidar, de conversar, desprovidas de preconceito; e é muito interessante...e ninguém quer ir para o grupo delas. Então é negativo pra mim, porque eu tenho que ficar o tempo todo dizendo para os alunos: “não sejam assim, vocês têm que tratar as diferenças, conversar com elas, saber o que elas pensam, como que elas tratam as coisas, qual a concepção de vida”. E elas lidam tranquilamente com os demais da turma, convidam, mas eles que não querem. Isso fica claro, fica subentendido...como nós somos adultos, a gente percebe.	É importante, mas às vezes eles se fecham nos seus próprios grupinhos. Por exemplo, na aula de educação física às vezes precisa se interagir. Então eu não deixo eles fazerem “panelinha”, misturo mesmo, porque essa questão de interagir é importante para aprender a respeitar o outro, porque se você se fechar no seu “grupinho”, você meio que se torna radical, ou seja, excluir um outro colega porque é diferente. Normalmente, os alunos se juntam nesses grupos naturalmente. É natural. Um se identifica com o outro e aí eles se relacionam. Mas, às vezes eles têm alguns conflitos, de valores, de ideias, na hora de formar grupos, para fazer seminários, apresentar trabalhos em grupo, depender um do outro.	É de suma importância. Ou pode se conduzir para o bem, ou para o mal. Essa necessidade de viver em um grupo faz parte da vida do adolescente, e é necessário que ele tenha uma formação bastante sólida, tanto em casa, como na escola, porque senão eles acabam se perdendo. Um tem a ideia, os outros executam. E dificilmente um bom é capaz de trazer os outros pras coisas certas. Daí a importância dos pais, da escola estarem atentos.	A amizade é importante, ninguém deve viver isolado. Mas a dificuldade do jovem hoje é distinguir a amizade, o amigo das influências que ele recebe desse amigo. Então não importa se eu gosto desse amigo e se ele não estuda, se ele às vezes recebe alguma influência das drogas... Na maioria das vezes, o adolescente não separa isso.
---	---	--	--

Os grupos segregam os diferentes	Os grupos formam “panelinhas”	Conduzem para o bem ou para o mal	Os grupos podem influenciar negativamente
Professora de matemática	Professora de educação física	Professora de literatura	Professor de português

Como se instauram as lideranças na adolescência

As lideranças se dão em meio àqueles que se destacam, aquele dentro do grupo que tem mais argumentos, que traz a união ao grupo. Mas essas lideranças não são fixas. Às vezes um novato pode chegar a liderar o grupo, depende daquele que se destaca no momento.	Geralmente aqueles que têm mais desenvoltura, ou talvez os que são mais descolados, mais antenados, mais à frente de seu tempo; com certeza, vai comandar esse grupo.	O líder se destaca justamente porque o grupo sempre vai precisar de uma pessoa para orientá-los, por serem adolescentes, eles precisam de uma pessoa que diga “vamos fazer isso, vamos fazer aquilo”.	Vou usar o velho Nietzsche: “Vontade de poder”, porque esta é a melhor expressão. Nem sempre esta vontade de poder é ruim, mas ela existe.	Alguns grupos têm suas lideranças, eles ainda não entram naquele aspecto da disputa pela liderança. Na adolescência existe mais uma questão de exemplo no qual você acaba seguindo as atitudes das pessoas dentro do grupo que você intitula como atitudes corretas.
Líder traz união, mas não é fixo	Líder é o descolado	Líder é orientador	Líder quer o poder	Líder é o exemplo a seguir
Professor de química	Professor de química	Professor de química	Professor de português	Professor de história
O grupo das meninas lésbicas, por exemplo, eu acredito que eles se juntam pela semelhança, física, primeiro, raspam a cabeça de um lado, usam uns negócios... piercings. Então depois de se acharem parecidos, chegam para conversar; veem que têm as mesmas ideias, aí eles vão começando a ficar juntos. Então, esses grupos são mais desprovidos de preconceito do que o resto da sociedade que se diz “normal”. O líder é o mais extrovertido, o que consegue, por exemplo, conversar com aquele professor que é irredutível, tem acesso a vários ambientes.	É natural. O líder já se destaca, naturalmente ele toma frente, dá sugestões. Depende do grupo, há grupo de vários líderes, por exemplo, no grupo de dança que há na escola, como eles escolheram a dança, vários querem dar opinião, são vários líderes.	Tem liderança que é positiva, alguns até conseguem puxar o grupo para o lado de coisas mais sólidas, coisas que vão conduzir ao bem. Mas, infelizmente, há uns que não são bem firmados, não têm uma boa formação em casa e acabam sendo conduzidos pra outros caminhos, pra outro lado. Tanto o grupo considerado bom como o do outro lado possui uma liderança e acabam conduzindo os outros para o seu lado.	Não se configura muito como uma liderança o que ocorre entre eles, é mais uma questão de amizade. Claro, às vezes acontece de ter uma liderança. Essa liderança eu vejo que é motivada pela palavra. O líder é aquele que tem mais influência com a palavra, nas argumentações, em convencer os outros; que pode ser uma coisa belíssima, pro bem, mas também é terrível se quiser conduzir alguém ou o grupo pro mal.	
O mais extrovertido	Aquele que se destaca, mas a liderança não é fixa	O líder influencia para o bem ou para o mal	Aquele que melhor argumenta	
Professora de matemática	Professor de educação física	Professora de literatura	Professor de português	

O papel dos professores diante dos grupos de adolescentes que se formam nas escolas

<p>O papel do professor é um papel fundamental para fazer com que esses grupos levem melhorias na qualidade de vida deles, reduzam aquilo que é ruim; então, é um papel de intermediador, ensinando a seguirem o que é bom e a não seguirem o que é ruim, lembrando-se que o que é bom pra mim pode não ser para o outro e vice-versa.</p>	<p>Em minha opinião, sou a favor da existência dos grupos, desde que sejam construtivos, para estudar, por exemplo, eu até aconselho, pois eles trocam informações entre si, podem ser produtivos, tiram dúvidas, crescem juntos.</p>	<p>Desde que ele não interfira com imposição. Ele pode ser um líder, mas um líder que vai ajudar a pessoa a construir a personalidade e não interferir neste processo.</p>	<p>O pior problema hoje é um pensamento progressista da pedagogia que acredita que há outros papéis do professor. Eu ainda continuo acreditando que o professor é aquele indivíduo que por uma experiência em determinado campo da ciência da humanidade, é convidado profissionalmente a transmitir e a dialogar este conhecimento. Ele pode uma hora ou outra receber conhecimento também, sendo conhecimento multivalentes dos alunos. O papel do professor é passar o conteúdo para o aluno. Quando possível, ele pode alertar para um ou outro problema social, coletivo, institucional, pessoal, desde que ele passe isso de forma dialética, não de forma moralista.</p>	<p>Modelo eu acho que não, porque nós, professores, somos adultos e estamos em uma realidade totalmente diferente dos alunos, por mais que estejamos próximos a eles. Na verdade eu gosto de me ver como uma pessoa que ajuda a mostrar os caminhos, assumindo uma posição ética de colocar a verdade acima de tudo, e se o aluno não acredita então que ele pesquise.</p>
Intermediador	Apoiador de grupos positivos	Um líder que ajuda construir personalidades	Mediador do conhecimento	Mostrar caminhos sem impor
Professor de química	Professor de química	Professor de química	Professor de português	Professor de história

<p>Eu tento misturá-los. Eu acho que o meu grande desafio é fazê-los conversar uns com os outros, trocar ideias. Uma coisa imediata que estou dizendo, porque estou passando por isso na minha sala. Eu prefiro só mediar ali as coisas, prefiro não me intrometer muito; eu prefiro que eles resolvam os problemas com os caminhos deles, principalmente na minha disciplina, e se for um caminho muito torto, eu venho, resgato e mostro o caminho. Não fujo desse papel, mostro outras maneiras.</p>	<p>O professor vê muita coisa, ele está muito presente na vida dos alunos, e aqui a gente tem um contato muito pessoal com eles, a gente conversa, abraça, outro dia houve um abraço coletivo aqui. A gente pode ter influência negativa ou positiva, porque, infelizmente há professores que são preconceituosos. Então hoje em dia se fala muito em homossexualidade, se fala muito em não se ter preconceito contra a raça, contra cor, idade e etc. E, às vezes, a própria pessoa que está trabalhando com essa questão é uma pessoa preconceituosa, e pode ter consciência ou não disso. O professor deve ter uma cabeça muito boa para trabalhar isso com os alunos.</p>	<p>O professor tem que ver e perceber essas diferenças, porque toda turma tem esses dois grupos. Por isso o professor tem que ver além da matéria. Se ele se preocupar apenas com o conteúdo científico, e não olhar para o ser, os adolescentes acabam se perdendo. Porque muitas vezes os alunos chegam nas escolas totalmente desorientados, por causa das dificuldades que eles encontram em suas famílias, até mesmo por causa das dificuldades dos pais, porque os pais acham que a escola é um reformatório, que a igreja é um reformatório, e não assumem o seu verdadeiro papel.</p>	<p>Se ele não for um líder, um modelo, aí a juventude vai estar perdida mesmo. Mesmo o professor sendo um líder, tentando ser um modelo, já não é fácil exercer uma influência, porque a nossa tendência, a sua, a minha, a de todos nós não é seguir o bem, é seguir o mal.</p>
Misturar os grupos e mostrar o melhor caminho	O professor deve romper com seus preconceitos	Se preocupar com os alunos, para além do conteúdo	O professor deve ser um modelo
Professora de matemática	Professora de educação física	Professora de literatura	Professor de português